



Feiras agroecológicas da Várzea: alimentos de qualidade na boca de quem? *Agroecological fairs in the Várzea: quality food in whose mouth?*

COSTA, Maria C. F.¹; MELO, Emely C. S.²; CAVALCANTI, Joanna A. S.³; PEREIRA, Mônica C. B.⁴

¹ Mestranda pela UFPE, NEPPAG Ayni, carolina.francacosta@ufpe.br ² Doutoranda pela UFPE, NEPPAG Ayni, emelychristinegeo@gmail.com ³ Doutoranda pela UFPE, NEPPAG Ayni, joanna.amarante@ufpe.br ⁴ Professora da UFPE, Coordenadora do NEPPAG Ayni, monicacoxbp@gmail.com.

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Campesinato e Soberania alimentar

Resumo: A partir do avanço das tecnologias no campo, implicando na produção em larga escala de mercadorias, diversas problemáticas têm surgido no mundo inteiro relacionadas a forma como o mundo vem se alimentando. As feiras agroecológicas presentes nas cidades têm se mostrado uma importante resistência a esse modelo hegemônico alimentar, resgatando saberes e conhecimentos tradicionais. Dessa maneira a pesquisa buscou, através de uma análise bibliográfica e por meio da realização de pesquisa de campo, identificar qual público tem sido favorecido por essas feiras agroecológicas presentes dentro do campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e no Espaço Agroecológico da Várzea (EAV). O trabalho se justifica por estarmos sendo atravessados por um momento de calamidade em relação à alimentação, sendo necessário falar cada vez mais sobre esse tema, além de traçar estratégias que promovam uma alimentação de qualidade e nutritiva para a maioria da população.

Palavras-chave: alimentação; agroecologia; fome; soberania alimentar; insegurança alimentar.

Introdução

O atual modelo de desenvolvimento tem trabalhado incansavelmente tendo como base o aumento da desigualdade entre a população, negando e dicotomizando a convivência da sociedade com a natureza. Esse modelo tem sacrificado as culturas locais de base camponesa que, até então, eram bastante diversificadas e auto suficientes. "Neste momento, estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida. Os seres que são atravessados pela modernidade, a ciência, a utilização constante de novas tecnologias, também são consumidos por elas" (Krenak, 2020, p. 95). O conhecimento hegemônico tem se estruturado por meio da violência, impondo-se como a única alternativa de atuar e conviver no mundo. Tudo que foge dessa lógica moderna é considerado atrasado, anticientífico, impossível de se conceber (SHIVA, 2003). Em contrapartida, diversas experiências vêm pautando a Agroecologia como importante perspectiva para pensar na valorização dos povos, territórios e saberes, porém, trazer um debate racializado é fundamental na construção desses conhecimentos, de modo que eles sejam comprometidos e engajados na quebra da lógica colonial.



Nesse sentido, a população negra do campo ou da cidade, estruturalmente, tem sido as mais impactadas pela insegurança alimentar durante a Pandemia da Covid-19 que teve início em 2020, porém, esse processo tem acompanhado historicamente os brasileiros e principalmente a população racializada de maneira subalternizada pelo Estado. O racismo estrutural está ligado historicamente a estruturação da ordem social brasileira (ALMEIDA, 2019), fazendo com que fenômenos da fome, por exemplo, seja direcionado a um público específico: a população não branca. Dessa maneira, este trabalho se propõe a debater a importância da prática tradicional de produção de alimentos, essa que, tem trabalhado na contraposição a esse modelo hegemônico, além de ser uma importante alternativa para sanar a problemática da fome no País. Maluf (2020) defende que é bastante previsível que o tema da alimentação, tanto em relação ao acesso, quanto a disponibilidade viesse ocupar o centro das discussões no contexto da pandemia da Covid-19.

A produção agroecológica, no sentido de conhecimentos e alimentos, acontece em comunhão com a natureza, respeitando seus ciclos, seus processos e tempo. A atualidade está atravessada por uma grande crise ambiental que tem gerado diversas consequências para o planeta e, conseqüentemente, para todo e qualquer ser vivo, são várias crises, podemos considerar uma crise civilizatória. Acreditamos que a Agroecologia é o principal meio para realização de uma grande revolução alimentar que mudaria totalmente a forma como o mundo vem se alimentando, apesar das diversas problemáticas a se enfrentar dentro do movimento agroecológico. Atualmente é bastante evidente que as feiras agroecológicas já fazem parte dos grandes centros urbanos. Contudo, as feiras têm se mostrado desigual sob alguns aspectos. Dessa maneira, é necessário problematizar quais condições tem limitado o acesso de pessoas negras a esses espaços. Uma delas, é a localização nas cidades, que na maioria dos casos favorece os bairros de classe média, como é o caso de Recife. Dito isto, buscaremos responder a seguinte questão: Levando em consideração o bairro da Várzea no Recife, quais limitações a população negra tem encontrado para adquirir alimentos agroecológicos na localidade?

As discussões contribuirão para o desenvolvimento do eixo temático escolhido ao trazer um debate acerca da problematização de quem são as pessoas que estão tendo acesso a uma alimentação agroecológica sana e de qualidade na cidade. A partir disso, teremos como objetivo identificar quais limitações têm restringido o acesso e não acesso a uma alimentação de qualidade/agroecológica por parte da população negra do bairro da Várzea no Recife por meio da Feira de Economia Solidária e Agroecológica do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e do Espaço Agroecológico da Várzea.

Para isso, buscaremos identificar as principais feiras agroecológicas do bairro e de onde vem esses alimentos, além de realizar um debate racionalizado acerca da problemática. O Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) deste ano tem como tema “Agroecologia na Boca do povo”, sendo assim, discutiremos de que corpos



são essas bocas que estão sendo abarcadas pelo movimento agroecológico na cidade.

O trabalho se justifica na medida em que se tornou urgente falar da fome devido ao estado de calamidade que o mundo vem passando em relação à alimentação. O “Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil”, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, nos revela o alto índice a insegurança alimentar que as regiões Norte e Nordeste têm enfrentado, principalmente entre a população não branca (REDE PESSAN, 2021). Sendo assim, é necessário apoiar a produção e expandir o consumo de alimentos de qualidade e nutritivos, além da popularização da produção e do conhecimento agroecológico, contribuindo para a construção de uma ciência comprometida com uma sociedade justa e igualitária que considera os múltiplos saberes e conhecimentos.

Metodologia

A elaboração do trabalho contou com uma vasta pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, por meio de leituras de livros, artigos científicos e pesquisas relacionadas à problemática. A participação no Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia (NEPPAG) na UFPE apoiou o desenvolvimento da pesquisa por meio de ações construídas anteriormente (Melo et al, 2020; Braz & Pereira, 2019), bem como o aprofundamento das discussões em relação ao tema. Foram, também, realizados trabalhos de campo com o intuito de observar toda dinâmica das feiras do bairro da Várzea. Por fim, é válido ressaltar que o principal critério utilizado para determinar quem seriam as pessoas não-brancas frequentadoras das feiras foi o fenótipo manifestado pela cor da pele.

Resultados e Discussão

A produção de alimento em larga escala, estruturado pelo uso do pacote tecnológico da Revolução Verde causou uma dicotomização na história da agricultura como ressalta Pereira (2012) promovendo diversos impactos sociais, perdas de variedades antigas e geracionais. Em contrapartida, as feiras agroecológicas têm sido um espaço estratégico para a promoção do aumento da renda dos produtores familiares, fortalecendo a articulação entre cidade e campo (CARVALHO et al., 2008), além da constituição de uma soberania alimentar entre a população. Atualmente, os agricultores, em sua grande maioria, procuram se organizar e construir relações com entidades e movimentos que facilitem e contribuam para a produção e venda desses alimentos na cidade. No Recife, diversas feiras são constituídas por camponeses e camponesas que produzem e vivem no interior do estado, mas que por meio de organização e parcerias, comercializam os alimentos na cidade. Toda essa articulação funciona como resistência ao atual modelo de mercado que vive empurrando as pessoas para os grandes supermercados recheados de comidas ultraprocessadas.



Fantuzzi (2016) esclarece que as feiras agroecológicas ou feiras orgânicas, como são mais reconhecidas pela população em algumas localidades, representando uma releitura das feiras livres convencionais, embora haja características marcantes que diferenciam umas das outras como, por exemplo, o fato de que nas feiras agroecológicas os alimentos comercializados são produzidos sem o uso de agrotóxicos e insumos químicos, além de ter uma representatividade familiar durante todo processo.

Durante a realização da pesquisa de campo no Espaço Agroecológico da Várzea (fig. 1) e na Feira de Economia Solidária e Agroecológica CCSA/UFPE conseguimos observar as seguintes questões: a maior parte do público que frequenta a feira são pessoas do nicho universitário, ou seja, estudantes, professores, servidores e funcionários da Universidade. Vale salientar também que diversas pessoas que praticam atividade física dentro do campus também fazem parte desse público. Resolvemos quantificar durante dois campos quantas pessoas vinham de carro para a feira além de identificar o fenótipo do público entre o intervalo de tempo de 06:30 às 07:00 da manhã quando o fluxo de pessoas é bastante intenso. No dia 07/06/2023 identificamos na Feira de Economia Solidária e Agroecológica CCSA/UFPE cerca de 79% de pessoas brancas em relação ao público geral que esteve na feira durante esse intervalo de tempo. Dito isso, conseguimos observar um público branco e bastante privilegiado - universitário - sendo atendido com uma alimentação saudável e nutritiva. Já no dia 17/06/2023 contabilizamos das 06:30 às 07:00 no Espaço Agroecológico da Várzea cerca de 80% de pessoas brancas frequentando a feira nesse intervalo de tempo.

Figura 1 - Espaço Agroecológico da Várzea



Fonte: acervo das autoras.

Há oito anos atrás, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá com apoio de estudantes do IFPE do curso de Gestão Ambiental realizou uma pesquisa de comparação de preços entre produtos convencionais presente em grandes redes de supermercado na cidade do Recife e três feiras livres convencionais de mercados



públicos, com os preços de alimentos de duas feiras da Rede Espaço Agroecológico. Essa pesquisa mostrou que os preços de alimentos agroecológicos eram mais baixos em comparação com os preços dos produtos convencionais vendidos em supermercados e feiras convencionais. Contudo, embora haja pesquisas reafirmando que o preço não tem influenciado o não-acesso às feiras agroecológicas, esse tema necessita de um maior aprofundamento, principalmente durante a pandemia da Covid-19 que influenciou diversos processos. Por meio do acompanhamento e desenvolvimento de trabalhos acadêmicos em curso sobre essa problemática, a questão do preço tem sido relatada e observada durante entrevistas com a população de baixa renda, bem como em pesquisas de campo e no decorrer do acompanhamento das feiras.

As comunidades do entorno do campus como a Brasilit, por exemplo, sendo um espaço de concentração de pessoas negras e periféricas não são atendidas pelas feiras agroecológicas do bairro. A localização das feiras agroecológicas do grande Recife tem influenciado nesse não acesso por parte da população negra. Saliento que seria preciso uma pesquisa mais aprofundada para identificar a interferência relacionada aos preços dos alimentos agroecológicos em relação às mercadorias do sistema agroalimentar dominante. Sabemos que essas duas formas de produzir citadas anteriormente, são meios de produção com objetivos e processos diferentes e sobre a importância da desconstrução de ideologias que são impostas para a população relacionada à alimentação conforme destaca Shiva (2003). Porém devemos considerar que o acesso ao alimento agroecológico vai além da mente, como a autora coloca, muitas vezes as populações subalternizadas pelo sistema, em especial a mulher negra, mesmo sabendo dos malefícios da alimentação sob a base capitalista, recorre a essas mercadorias envenenadas, tendo que economizar cada centavo como forma de sobrevivência.

Conclusões

As discussões aqui apresentadas esclarecem que o público que vem sendo beneficiado com alimentos de qualidade advindo das feiras agroecológicas no Recife tem sido pessoas brancas que tem sua vivência atravessada por benefícios e privilégios dentro da organização social brasileira. A partir disso, a Agroecologia deve rever quem são as pessoas que estão ocupando os espaços de poder em relação a construção do conhecimento agroecológico (MOTTA, 2022), reconhecendo o racismo além da sua concepção individualista, o enxergando como algo que orienta a ordem social, estando presente nas entranhas da sociedade - racismo estrutural - e como uma prática atuante dentro das instituições (ALMEIDA, 2019). Dessa forma, é importante traçar caminhos e estratégias que consigam atender a população negra em relação a construção do conhecimento agroecológico e o acesso a alimentos agroecológicos na cidade.



Agradecimentos

Agradecemos a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRAZ, Marcones Ivo, and PEREIRA, Mônica Cox de Britto. **"ESPAÇO AGROECOLÓGICO E COMERCIALIZAÇÃO: experiências pioneiras no estado de Pernambuco**. AGROECOLOGICAL SPACE AND MARKETING: pioneering experiences in the state of Pernambuco." CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária 14.33 (2019): 257-268.

CARVALHO, Cícera. LOPES, Cristina. BARREIRO, Diego (org.). FERNANDES, Irlânia. ROZA, Maria D. D., CARVALHO, Paulo P. D. & FREIRE, Wanderson S. **Feira agroecológica: Alimentos saudáveis gerando renda e promovendo relações justas e solidárias no mercado**. Ouricuri - PE, 2008.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente**. São Paulo: Gaia, 2003.

FANTUZZI, Davi. **"A importância das feiras agroecológicas para as cidades"**. Carta Maior, 2016.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil: ideias para salvar a humanidade**. Objectiva, 2020.

MALUF, Renato S. **"Comer em tempos de pandemia e após."** Jornal GGN 3 (2020).

MELO, Everton. PEREIRA, Mônica. MELO, Emely. TAVARES, Raíra. FONSECA, Frederico. **"Diálogos e trocas de experiências em Agroecologia: intercâmbio entre agricultoras e agricultores das feiras agroecológicas do bairro da Várzea, Recife-PE."** Cadernos de Agroecologia 15.2 (2020).

MOTTA, Vivian Delfino. **"PARA QUEM É ESSE LUGAR? Problematização sobre a presença não branca nos espaços de visibilização da agroecologia."** Revista Brasileira de Agroecologia 17.3 (2022): 222-241.

PEREIRA, Mônica C. De Britto. **Revolução Verde**. In: Caldart, Roseli Salette; Pereira, Isabel Brasil; Alentejano, Paulo; Frigotto, Gaudêncio (ORGS.). Dicionário da Educação do Campo. RJ, SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 685-689 pp.



Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania Alimentar. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. 2021.**